

## A crise nuclear no Irã

### Mapa Político Geral



Fonte: [wuarhive.wustl.edu/pub/aminet/pix/map/](http://wuarhive.wustl.edu/pub/aminet/pix/map/)

### Ficha Técnica do País<sup>1</sup>

Nome: República Islâmica do Irã.

Capital: Teerã.

População: 68.688.433 habitantes.

Extensão: 1.648.195 Km<sup>2</sup>.

Línguas: Farsi (persa), curdo, árabe e balúchi.

Religião: Islamismo, sendo 89% da população xiita.

Principais produtos exportados: petróleo, produtos químicos e petroquímicos, frutas e nozes.

Principais produtos importados: matéria-prima industrial, bens de capital, alimentos e suprimentos militares.

Produto interno bruto (PIB): U\$149 milhões.

<sup>1</sup> De acordo com as informações disponíveis em <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook>, acessado em 12 de junho de 2006 às 14:30h e em <http://www.camiranbrasil.com.br>, acessado em 21 de junho de 2006 às 17:45h.

PIB *per capita*: U\$2.135

Índice de desenvolvimento humano (IDH): 0,736 (2003).

Orçamento militar: 3,3% do PIB, ou seja, cerca de U\$ 5 milhões.

### Aspectos geográficos<sup>2</sup>

- Da região

O Irã se localiza no Oriente Médio e faz fronteira com Armênia, Azerbaijão e Turcomenistão a norte, Turquia a noroeste, Afeganistão a nordeste, Iraque a sudoeste, Paquistão a sudeste e com o Golfo Pérsico e o Mar de Omã a sul. Essa região do globo abriga diferentes grupos étnicos e culturais, por exemplo, árabes, armênios, judeus, turcos, assírios, curdos, persas, dentre outros. Tradicionalmente, o Oriente Médio abrange a faixa que vai desde o Irã até o Egito, incluindo a Península Arábica.



Fonte: [www.lib.utexas.edu/aps/middle\\_east.html](http://www.lib.utexas.edu/aps/middle_east.html)

- Do Irã

O Irã é caracterizado por um terreno montanhoso pois aproximadamente a metade do território é coberta por montanhas. As cadeias montanhosas mais elevadas são Alborz, localizada a

<sup>2</sup> Informações obtidas em <http://www.webiran.org>, acessado em 16 de junho de 2006 às 11:00h.

norte, Zagross a oeste e sudoeste e as montanhas do leste. Cerca de 90% do território está situado em um planalto e as montanhas podem chegar a 4.000 metros de altitude.

O Irã é limitado a norte pelo Mar Cáspio e está ligado ao Mar de Omã e ao Oceano Índico pelo estreito de Hormuz. O país possui rios pequenos, exceto o navegável Karun, localizado na região sul.

O clima iraniano pode ser caracterizado de três formas diferentes: úmido, nas áreas litorâneas do Mar Cáspio, árido nas zonas desérticas e semi-árido nas regiões montanhosas. É comum no Irã a construção de represas e utilização de técnicas de irrigação para combater a aridez das regiões desérticas e para garantir o suprimento de água.

O Irã possui, também, ilhas banhadas pelo Golfo Pérsico, localizadas num ponto onde o tráfego de navios é intenso. Algumas delas são inabitadas enquanto outras, como a ilha de Kharg, são famosas pelas facilidades naturais para a exportação de petróleo.



Fonte: <http://www.sitesatlas.com/Maps/Maps/606r.htm>

### Aspectos históricos<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Dados retirados de Marquardt, Eric. *Iran's Race for Nuclear Weapons*. Power and interest news report. 2003, Sahimi, Mohammad. *Iran's nuclear program. Part 1: It's history*. Payvan Iran's News. 2003,

- Do Irã

A antiga Pérsia se torna Irã em 1935 e em 1941, o xá Mohammad Reza Pahlavi assume o governo do país. Após divergências políticas com o Primeiro Ministro Mossadeq, o xá é obrigado a deixar o território iraniano. Com a deposição do Primeiro Ministro, Reza Pahlavi retorna ao Irã e, em 1963, inicia uma campanha de modernização e ocidentalização do país. A chamada "Revolução Branca" é caracterizada por um programa de reforma agrária, econômica e social. Contudo, a política autoritária do xá e a alienação religiosa gera uma série de revoltas e manifestações populares. Em 1979, diante do agravamento do descontentamento do povo, o xá e sua família fogem para o exílio.

Em fevereiro de 1979, após 14 anos de exílio no Iraque por oposição ao governo, o fundamentalista islâmico aiatolá<sup>4</sup> Ruhollah Khomeini, retorna ao Irã. Poucos dias depois, o então Primeiro Ministro renuncia e Khomeini assume o controle do país. Em abril do mesmo ano o Irã é proclamado República Islâmica. Em novembro, estudantes iranianos invadem a embaixada norte-americana em Teerã e fazem 90 reféns, dentre os quais 52 são mantidos por 444 dias. Esse incidente provoca o rompimento das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Irã, em janeiro de 1980.

Entre os anos de 1980 e 1988 o Irã se encontra envolvido na guerra contra o Iraque, iniciada pela invasão iraquiana em busca do controle pelo canal de água

[http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/middle\\_east/country\\_profiles/806268.stm](http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/middle_east/country_profiles/806268.stm),  
[http://www.nti.org/e\\_research/profiles/Iran/18254968.html](http://www.nti.org/e_research/profiles/Iran/18254968.html),  
<http://www.milnet.com/Iranian-Nuclear-Chronology.htm>,  
<http://www.globalsecurity.org/military/ops/iran-timeline.htm>, acessados em 12 de junho de 2006 às 15:00h.

<sup>4</sup> O aiatolá é o mais alto líder na hierarquia religiosa do islamismo xiita. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aiatolá>, acessado em 03 de novembro de 2006, às 15:42h.

Shatt al Arab. A guerra chega ao fim com um acordo de cessar-fogo assinado em Genebra, em 1988, mediado pela Organização das Nações Unidas. Khomeini morre em 1989 e o aiatolá Khamenei se torna o novo líder supremo do país. Em 11 de setembro de 1990, Irã e Iraque retomam relações diplomáticas. Através de um decreto do presidente norte-americano Bill Clinton (1993-2000), em 1995 as empresas dos EUA são proibidas de comerciarem com o Irã, bem como investirem em petróleo e gás no país. Mohammad Khatami é eleito presidente em 1997 e em 2000, reformistas vencem as eleições parlamentares e Khatami consegue o apoio da maioria no Parlamento. No ano seguinte o presidente é reeleito com 77% dos votos. Em 29 de janeiro de 2002, Irã, Iraque e Coreia do Norte são considerados, por George W. Bush, o “eixo do mal”<sup>5</sup>. O presidente dos EUA alerta sobre o desenvolvimento de mísseis de longo alcance nesses países. Em setembro desse ano, técnicos russos iniciam a construção do primeiro reator nuclear iraniano. A partir daí, é deflagrada a crise nuclear do Irã que gira em torno do programa nuclear do país e da pressão internacional para que o governo permita inspeções da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA)<sup>6</sup>.

- Do conflito

A crise iraniana, gerada pelo desenvolvimento do projeto nuclear, tem

---

<sup>5</sup> Irã, Iraque e Coreia do Norte foram acusados, em janeiro de 2002, pelo presidente George W. Bush de compor o “eixo do mal”, grupo de países que apoiam o terrorismo e buscam desenvolver armas de destruição em massa. Fonte: AFP, 14 de dezembro de 2005.

<sup>6</sup> A AIEA é um órgão pertencente à família ONU e é responsável por promover a cooperação no âmbito nuclear. A Agência Internacional de Energia Atômica visa garantir a utilização segura e pacífica da tecnologia nuclear. Fonte: <http://www.iaea.org/>, acessado em 06 de novembro de 2006, às 16:21h.

anteriores na história do país ainda no período do xá Reza Pahlavi. Em 1957, é assinado um acordo entre EUA e Irã para cooperação em torno de um programa nuclear civil. Dois anos depois, é estabelecido o Centro de Pesquisa Nuclear de Teerã. Em 1967, o xá estabelece pesquisas em torno de materiais de fissão<sup>7</sup> para produção de armas. Nesse mesmo ano, um reator comprado dos Estados Unidos se torna operante no Centro de Pesquisa. Em 1969 o Irã assina o Tratado de Não Proliferação Nuclear<sup>8</sup>, ratificado no ano seguinte. Na década de 1970, o xá lança um projeto de desenvolvimento de energia nuclear para poupar o consumo de petróleo. Em 1975 é firmado entre Irã e os EUA a Cooperação Nuclear Irã – EUA que previa a venda de equipamentos de energia nuclear ao país islâmico, garantindo às corporações norte-americanas uma contrapartida em petróleo. No ano de 1976, os Estados Unidos decidem vender ao Irã um processador que extrai plutônio<sup>9</sup> do combustível do reator nuclear. Dessa

---

<sup>7</sup> A fissão nuclear é o processo através do qual o núcleo do urânio é “quebrado”. Bombardeando o núcleo com nêutrons são liberados átomos de massa mediana, uma grande quantidade de energia e mais nêutrons que provocam uma reação em cadeia. Esses processos podem ser utilizados nas bombas nucleares. Fonte: <http://www.if.ufrj.br/teaching/radioatividade/fneb/omb.html>, acessado em 21 de setembro de 2006, às 9:05h.

<sup>8</sup> O TNP é um acordo assinado por 188 países que se comprometem a renunciar ao desenvolvimento da tecnologia nuclear para fins bélicos, especialmente para a produção de armas nucleares. Nele os Estados concordam em cooperar para a utilização civil da tecnologia nuclear, além de aceitarem a fiscalização da AIEA em seus programas nucleares. Fonte: <http://www.energiatomica.hpg.ig.com.br/npt.htm>, acessado em 09 de outubro de 2006, às 14:25h.

<sup>9</sup> O plutônio é um material radioativo, oriundo do urânio, com o qual é possível realizar a fissão nuclear. Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1877171,00.html>, acessado em 2º de setembro de 2006, às 16:42h.

forma o Irã poderia completar o ciclo de combustível nuclear.

Após a Revolução de 1979, o Irã declara a intenção de dar continuidade ao programa nuclear, entretanto, a partir de então ele deixa de receber o apoio dos Estados Unidos. Como o país não se tornou um aliado da URSS, as chances de uma intervenção externa se tornaram maiores, tendo em vista que o Irã era visto como um regime hostil pelas duas potências da Guerra Fria. O não-alinhamento aos EUA e URSS, ambos desejosos de garantir o abastecimento de petróleo, e a conseqüente possibilidade de interferência externa reforçavam a necessidade de desenvolvimento de um programa nuclear iraniano.

Durante a guerra contra o Iraque (1980-1988), o Irã adquire mísseis da Líbia e da Coréia do Norte. Ocorrem uma série de ataques a alvos nucleares como usinas e reatores em territórios tanto iranianos quanto iraquianos. Os ataques eram perpetrados pelo Irã, Iraque e também por Israel, todos visando impedir ou, pelo menos, retardar o desenvolvimento da tecnologia nuclear dos países em conflito.

Em 1990 o Irã compra da China um reator de pesquisa que pode ser utilizado para a produção de plutônio. É adquirido, também, da China uma unidade de separação eletromagnética capaz de gerar enriquecimento de urânio (Marquardt 2003). Em 1995, o país estabelece com a Rússia um acordo através do qual os russos completariam a construção dos reatores nucleares em Bushehr, a primeira instalação nuclear iraniana. Em 1996 e 1997 o Irã continua adquirindo mísseis da China e da Coréia do Norte, bem como aprimorando seu programa nuclear. Em 1999, os Estados Unidos impõem sanções comerciais a empresas russas devido ao apoio daquele país ao Irã.

Em dezembro de 2002 são divulgadas, por um canal de televisão norte-americano, imagens de satélite que

mostravam duas instalações nucleares iranianas desconhecidas até então. O Irã afirmou que aceitaria inspeções da AIEA e provaria que as pesquisas nucleares são para fins civis. Em fevereiro de 2003 inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica iniciam as inspeções nas instalações nucleares e concluem que o Irã havia escondido alguns aspectos de seu programa nuclear. Em outubro desse ano, em uma reunião com Alemanha, França e Reino Unido, o Irã aceita assinar o Protocolo Adicional do Tratado de Não Proliferação<sup>10</sup> e declara que irá suspender o enriquecimento de urânio. Segundo a AIEA o país havia confirmado que produziu pequenas quantidades de urânio altamente enriquecido, mas a Agência declara que não há provas de que o Irã pretendesse desenvolver armas nucleares.

O ano de 2004 se inicia sob as suspeitas de que Qadeer Khan, o responsável pela bomba atômica paquistanesa, teria fornecido tecnologia nuclear ao Irã<sup>11</sup>. O secretário de Estado norte-americano, Colin Powell, pede para que sanções sejam impostas ao Irã diante da ameaça que o programa nuclear representa. Em negociações com países europeus, o Irã aceita interromper, provisoriamente, o enriquecimento de urânio para avaliar as propostas de incentivos políticos e econômicos oferecidas pelos europeus. Em junho de 2005 Mahmoud Ahmadinejad, um conservador, vence as eleições presidenciais do Irã e reitera

---

<sup>10</sup> O Protocolo Adicional ao TNP, datado de 1997, constitui o maior instrumento de controle sobre os programas nucleares. Ele prevê que os Estados que o assinaram devem fornecer informações detalhadas sobre seus programas e possibilita, inclusive, que a AIEA fiscalize locais não permitidos pelo TNP como reatores desativados, centros de pesquisa e etc. Fonte:

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2006/02/04/ult34u147042.jhtm>, acessado em 19 de setembro de 2006, às 16:50h.

<sup>11</sup> <http://www.globalsecurity.org/military/ops/iran-timeline.htm>, acessado em 12 de junho de 2006, às 15:00h.

que tem o direito de desenvolver um programa nuclear pacífico. Dois meses depois, as propostas de incentivos europeus são rejeitas pelo presidente que afirma que retomará a conversão de urânio nas instalações de Isfahan.

### **Aspectos econômicos**<sup>12</sup>

A crise nuclear no Irã aponta para algumas questões econômicas relevantes, às vezes esquecidas em função do aspecto político. O Irã é o quarto maior produtor de petróleo do mundo e produz cerca de 4 milhões de barris por dia, ou seja, aproximadamente 5% do consumo mundial. Apesar disso, o país tem que lidar com altos índices de inflação e desemprego.

Acredita-se que o programa nuclear e a crise política gerada em função dele foram responsáveis por prejudicar, de certa forma, a economia do país, retraindo investimentos domésticos e externos. Além disso, os gastos do governo com subsídios para o enriquecimento de urânio podem gerar o aumento da inflação. O Irã enfrenta uma taxa de desemprego que se aproxima de 11% e 1 em cada 4 iranianos vive na pobreza (Beehner 2006). O governo é acusado, também, de permitir que fundações religiosas monopolizem setores fundamentais da economia, sem terem que enfrentar competição, imposição de taxas e regulação.

A ameaça de imposições de sanções pelos europeus e norte-americanos também exerce um papel importante em relação à economia iraniana. É o risco de sanções que gera um ambiente de incerteza e faz com que haja uma diminuição de investimentos. Por outro lado, a crise nuclear também contribuiu para aumentar o preço do petróleo no mercado mundial, beneficiando a

economia iraniana em detrimento dos consumidores do produto.

Evitar as sanções econômicas vem sendo o esforço do governo iraniano, já que essas medidas afetam essencialmente a população e podem fazer com que ela desaprove as atitudes do governo. Entretanto, de maneira geral, a população do Irã parece aprovar o desenvolvimento do programa nuclear tendo em vista as perspectivas de incremento na economia. Há que se levar em consideração, ainda, que sanções que não incluem o petróleo, aparentemente, não afetam de forma significativa a economia do país.

No que tange às sanções impostas pelos Estados Unidos, que limitavam o investimento e o comércio com o Irã, pode-se dizer que elas tiveram um relativo impacto na economia iraniana. A indústria de petróleo sofreu um pequeno retardo em seu possível crescimento devido às restrições dos EUA às empresas que desejassem investir no setor energético do Irã. Nesse sentido, as negociações em torno do desenvolvimento da tecnologia nuclear podem significar, para o governo iraniano, o alcance de algumas concessões econômicas e a redução das sanções impostas pelos norte-americanos.

De acordo com Beehner (2006), se o Irã sofresse um ataque militar, apesar das perdas humanas, a economia não ficaria estagnada. Isso se daria em função do fato que o Irã possui um estoque de petróleo que equivale a 6 meses de produção. Se o país se recusasse a vender petróleo para o Ocidente, ele poderia gerar uma crise no mercado global de energia. Poderia, até, elevar o preço do petróleo de U\$70 para U\$100 o barril, desestabilizando a economia dos países que importam o produto<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup>Baseado em **Beehner**, Lionel. *What sanctions mean for Iran's economy*. Council on Foreign Relations. 2006 e em <http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1866234,00.html>, acessado em 19 de junho de 2006 às 17:15h.

---

<sup>13</sup> Se o Irã interrompesse o fornecimento de petróleo para os países do Ocidente, o produto se tornaria mais escasso, aumentando a demanda em relação à diminuição da oferta. Fatalmente, o

É necessário considerar, ainda, que muitas empresas européias se encontram no Irã e, além dos países europeus, outros como China e Rússia possuem relações comerciais com o Irã, notadamente em relação ao petróleo. Sendo assim, a aplicação de sanções econômicas pode não ser tão simples e pode representar perdas para as economias que as impuserem. Atualmente, estão sendo discutidas uma série de propostas de incentivo, por exemplo cooperações econômicas e tecnológicas com a União Européia, para que o Irã repense seu programa nuclear. O interesse dos países ocidentais no retrocesso do programa pode representar, para o governo iraniano, diversos privilégios econômicos.

#### **Aspectos políticos, táticos e estratégicos<sup>14</sup>**

Do ponto de vista político e legal, devem ser considerados alguns aspectos relevantes. O Irã faz parte do Tratado de Não-Proliferação Nuclear e, por isso, deve seguir às recomendações previstas no texto. De acordo com o artigo IV do TPN, os países têm o direito inalienável de pesquisar e desenvolver a tecnologia nuclear para fins pacíficos. Embora o Irã

---

preço do petróleo disponível seria elevado devido ao aumento da procura.

<sup>14</sup> Baseado em **Koechler**, Hans. *Memorandum on the dispute between the Islamic Republic of Iran and the United States of America and other states over the interpretation of the Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear*. International Progress Organization. 2006, **Quillen**, Chris. Iranian nuclear weapons policy: past, present and possible future. *Middle East Review of International Affairs* vol.6, n.2, junho de 2002, **Davis**, Jimmy D. Iran's nuclear strategy options and US foreign policy implications. US Army War College. 2005, **Atkeson**, Edward B., **Bush**, Douglas. Iran: next in the crosshairs?. *Landpower Essay* n.2-4, setembro de 2002 e em **Cain**, Antony C. Iran's strategic culture and weapons of mass destructions. *Air War College*. 2002 e em **Pailhe**, Caroline. Quando a Europa diz amém. Publicado em <http://diplo.uol.com.br/2005-11,a1195>, acessado em 19 de junho de 2006, às 14:35.

tenha assinado o Protocolo Adicional ao TPN em 2003, ele não foi ratificado pelo Parlamento e, por isso, o governo iraniano não tem obrigação de cumprir as regras nele expostas<sup>15</sup>.

O TPN garante que os Estados membros desenvolvam a tecnologia nuclear para fins civis sob a supervisão da AIEA e prevê, ainda, que os programas nucleares dos países que já possuem armas nucleares sejam abertos a supervisão. Nesse sentido, são feitas críticas ao fato de que esses países não são supervisionados e, em contrapartida, o Irã vem sendo pressionado mesmo aceitando a supervisão da Agência. No preâmbulo do TPN versa, ainda, que os benefícios advindos da tecnologia nuclear devem estar disponíveis para todos os países membros, desde que os objetivos de utilização sejam pacíficos. Essa prerrogativa do tratado só inviabilizaria o interesse iraniano em explorar a energia nuclear caso fossem encontradas provas de que os objetivos do programa são militares.

A crise decorrente do programa nuclear iraniano surge em função da desconfiança dos Estados europeus e dos Estados Unidos em relação ao programa. Em 2004 foi assinado um acordo entre o Irã e as três potências européias (Reino Unido, Alemanha e França), que previa a concessão de garantias de cooperação nuclear, tecnológica e econômica, além de acordos na área de segurança por parte dos europeus em troca de garantias objetivas do propósito civil e pacífico do programa nuclear. Após o acordo o Irã aceitou as inspeções da AIEA e decidiu interromper temporariamente o enriquecimento do urânio a fim de demonstrar suas intenções.

---

<sup>15</sup> A ratificação faz com que uma norma internacional se torne uma lei interna. Sem a efetivação desse processo, o Irã não está obrigado a cumprir o que o Protocolo Adicional determina. Fonte: [www.mre.gov.br](http://www.mre.gov.br), acessado em 02 de novembro de 2006, às 16:54h.

Entretanto, em 2005 após a eleição de Mahmoud Ahmadinejad, as propostas européias continuaram sendo apenas promessas sob a alegação de que ainda não haviam garantias suficientes do caráter civil do programa. Argumenta-se, então, que o Irã tenha violado o “espírito” do tratado e não as suas normas. O país é acusado, também, de ter omitido determinados aspectos do programa nuclear. Em suma, a situação parece ser uma questão de confiança política e credibilidade, já que poderia ter sido solucionada anteriormente por meio de diversos acordos estabelecidos.

De acordo com Quillen (2002), ao longo das últimas décadas é possível identificar três objetivos fundamentais do programa nuclear do Irã, apesar de medidas divergentes e a despeito das diferentes mudanças políticas. Esses objetivos são: deter adversários regionais (sobretudo Iraque e Israel), estabelecer uma liderança regional e impedir a ingerência de um poder global nos assuntos do Irã e do Oriente Médio. Nesse sentido, nota-se que o objetivo político do Estado iraniano é garantir a manutenção do *status quo*, evitando problemas com países vizinhos, impedindo a ascensão de lideranças regionais e afastando a possibilidade de intervenção externa. O objetivo político do país poderia ser considerado a alteração do *status quo* se, de fato, o Irã desejasse se tornar uma potência nuclear, possuindo armas nucleares. Como o país argumenta que o programa é para fins civis e ele realmente parece mais ser um objeto em cima do qual o Irã pode negociar, entende-se que o objetivo do programa é manter o *status quo*. Não está descartada a possibilidade de que o Irã venha a desenvolver armamento nuclear, entretanto, dadas as circunstâncias parece mais plausível analisar o programa nuclear iraniano como uma forma de obter vantagens e manter a autonomia política do país. Além da relevância do programa para os assuntos externos, o programa nuclear tem um importante papel também para

as questões domésticas. Segundo Pollack e Takeyh (2005), o fato do Irã ser taxado pelos EUA como “o grande satã” possibilita uma mobilização da opinião nacionalista do país. Isso favorece o regime vigente, fruto da revolução de 1979, que já vinha aos poucos perdendo a legitimidade popular.

Embora a crise nuclear iraniana não tenha gerado nenhum confronto efetivo, pelo menos até então, algumas considerações estratégicas podem ser feitas. A principal delas gira em torno da balança de poder regional, nesse caso no Oriente Médio. O Irã está localizado em uma região onde existem países com capacidade nuclear, por exemplo, Índia, Paquistão e Israel. Nesse sentido, a utilização de arsenal nuclear por algum deles poderia significar uma grande instabilidade na região e o fato do Irã também possuir a tecnologia pode lhe garantir uma certa segurança.

Tendo em vista que a estratégia é a articulação dos enfrentamentos e seus resultados para a obtenção de um objetivo político<sup>16</sup>, o programa nuclear do Irã pode representar uma forma de garantir a manutenção do *status quo*. O Irã se vê atualmente cercado pela invasão norte-americana no Iraque, pela presença dos EUA no Afeganistão, pelos curdos no norte e pelo posicionamento das frotas americanas a sul. Diante disso, o país é obrigado a dispor de grande parte de sua força para preservar as fronteiras, principalmente as que fazem limite com o Afeganistão e o Paquistão (que embora sejam países muçulmanos possuem uma diferente tradição religiosa, sendo muçulmanos sunitas).

Desde a Revolução de 1979, o Irã é constantemente criticado pelos Estados Unidos em suas políticas externa e doméstica e, dessa forma, o desenvolvimento nuclear pode tanto culminar na produção de armas

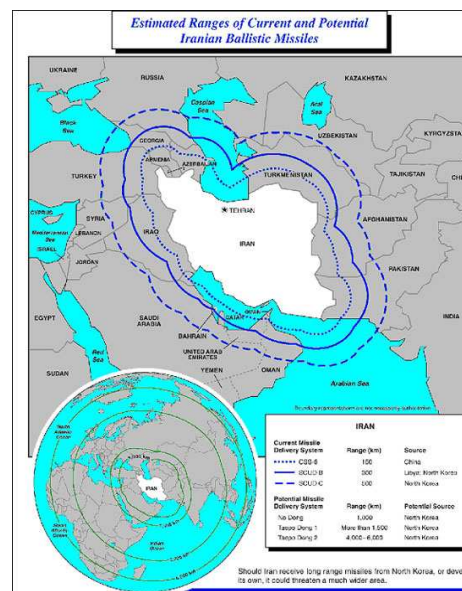
---

<sup>16</sup> Clausewitz, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

nucleares, garantindo a não intervenção do Ocidente no país, como pode agir como um instrumento de barganha para lidar com EUA e Europa. O país pode adquirir privilégios e alcançar determinados objetivos em troca de retroceder em relação ao programa nuclear. Entretanto, é possível que a intenção do governo iraniano não fosse de fato chegar a obter armas nucleares. De maneira geral, se o Irã realmente chegar a desenvolver tais armamentos, ele pode evitar a influência norte-americana na região e despontar na balança de poder regional. Mesmo se o programa não resultar na produção de armas nucleares, ele já simboliza um elemento em torno do qual o Irã pode negociar e alcançar benefícios, quem sabe, até mais vantajosos.

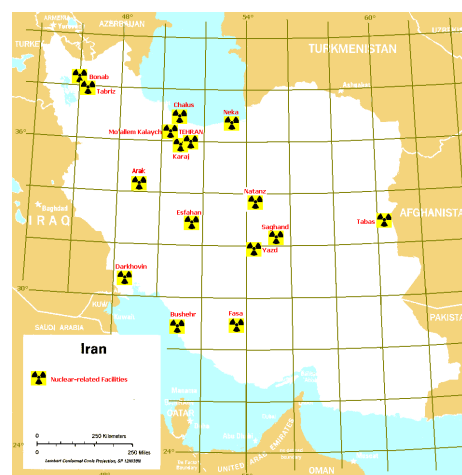
A possibilidade de barganha que o programa nuclear iraniano propicia se dá em função de quatro temas que mobilizam a atenção norte-americana, principalmente, no que tange à relação dos EUA com o Irã. O primeiro deles é a proteção a Israel, posto que os Estados Unidos são um dos maiores aliados políticos e econômicos dos israelenses. A manutenção dos fluxos de petróleo oriundos do Golfo Pérsico representam, também, um fator de preocupação devido à dependência do Ocidente em relação ao petróleo do Oriente Médio. Em terceiro lugar está a proliferação da tecnologia nuclear e de mísseis e o temor norte-americano de que ela venha a ser utilizada para a produção de armas nucleares. Por fim, resta ainda uma questão importante que trata da guerra contra o terrorismo e a acusação de que o Irã seria responsável por apoiar grupos radicais islâmicos, inclusive dedicados a destruir Israel, que utilizam métodos terroristas. O suporte a esses grupos e a intenção de possuir armas, por exemplo de destruição em massa, foram determinantes para que o Irã fosse considerado pelo presidente Bush como integrante do “eixo do mal”.

Os mapas abaixo demonstram a capacidade dos mísseis balísticos iranianos e a localização das instalações nucleares no país.



Fonte:

[http://images.military.com/pics/Defensewatch\\_100303\\_Iran\\_pic1.jpg](http://images.military.com/pics/Defensewatch_100303_Iran_pic1.jpg)



Fonte:

[http://www.globalsecurity.org/wmd/world/iran/images/iran\\_map\\_nuke.gif](http://www.globalsecurity.org/wmd/world/iran/images/iran_map_nuke.gif)

### Perspectivas acerca do conflito<sup>17</sup>

Como já foi mencionado, a economia representa um setor de grande

<sup>17</sup> Baseado em **Pollack, Kenneth, Takeyh, Ray.** *Taking on Tehran.* Foreign Affairs. Março/Abril de 2005.



preocupação para o governo iraniano e as sanções econômicas estabelecidas pelos EUA são um forte obstáculo para o desenvolvimento do país. A medida que os Estados Unidos conseguem envolver Estados como Japão, Rússia, China e países europeus, ele aumenta seu poder de negociação frente ao país islâmico. Isso ocorre pois o Irã se vê obrigado a escolher entre a tecnologia nuclear e a saúde econômica.

No caso da crise atual acerca do programa nuclear iraniano, identifica-se dois quadros possíveis: a cooperação iraniana em função das exigências norte-americanas ou a continuidade da política que vem sendo adotada pelo Irã. No primeiro caso o Irã abriria mão do programa nuclear, aceitaria as inspeções da AIEA e interromperia o suporte a grupos terroristas. Em contrapartida, os EUA retirariam as sanções e os países do Ocidente aceitariam a participação do Irã em organizações internacionais, como a Organização Mundial do Comércio por exemplo, e poderiam até prover assistência econômica. No caso do Irã não ceder aos interesses ocidentais e manter o curso de suas ações, os aliados norte-americanos imporiam mais sanções econômicas, estagnando a economia do país. Essas sanções poderiam tomar várias formas, indo desde restrição a investimentos até a interrupção de acordos comerciais.

É importante salientar que, para que o governo iraniano renuncie ao desenvolvimento da tecnologia nuclear, seria necessário estabelecer a possibilidade de recompensas significativas, que de fato beneficiassem o país, ao passo que as penalidades em caso de não cooperação também deveriam ser grandes. Isso quer dizer que, para fazer o Irã abrir mão de seu programa nuclear, deveriam ser adotadas recompensas que de fato melhorassem a economia do país ou sanções pesadas que realmente o prejudicassem.

Quando se tem em mente a possibilidade de não cooperação, é necessário frisar alguns aspectos que influenciam e, de certa forma, definem o futuro da questão. Em primeiro lugar a invasão do Irã pelos norte-americanos é uma hipótese facilmente descartada, já que os EUA estão atualmente empenhando esforços no Afeganistão e no Iraque e, portanto, dispõem de recursos limitados para invadir outro país. Uma outra possibilidade seria que os Estados Unidos conseguissem resolver o impasse fomentando uma revolução popular que desbancasse o atual regime e adotasse uma postura mais alinhada a Washington. Entretanto, o fato dos iranianos desejarem um melhor relacionamento com a potência não significa que eles aceitem a ingerência norte-americana nas políticas do país. Além disso, a população do Irã, a despeito de desejar um governo diferente, não aparenta possuir uma inclinação para destituir o poder vigente. Um ataque aéreo sob as instalações e reatores nucleares poderia ser também uma forma de por fim ao impasse, contudo, os custos, riscos e incertezas são muitos. Qualquer que fosse o impacto sofrido por uma campanha aérea levaria o Irã a retaliar. Essa resposta poderia vir através de ataques terroristas ao território americano e até mesmo através de uma guerra clandestina contra as forças dos EUA no Iraque.

É difícil prever o que a não cooperação do Irã pode gerar mas alguns cenários, como os apresentados, são bastantes improváveis. A questão depende, então, da conduta dos Estados Unidos e seus aliados e dos métodos que serão utilizados para pressionar o Irã e fazê-lo decidir entre a ambição nuclear e o bem-estar econômico.

Cabe dizer, ainda, que no âmbito do Conselho de Segurança da ONU<sup>18</sup> é

---

<sup>18</sup> Órgão da ONU que delibera acerca das questões que envolvem a segurança internacional, impondo

pouco provável que se chegue a alguma resolução que obrigue o Irã a encerrar suas atividades nucleares. Isso se dá em função do poder de veto que possuem China e Rússia. A Rússia se destaca como um dos principais parceiros no programa nuclear iraniano, colaborando inclusive com a construção da usina de Bushehr. Acredita-se, dessa forma, que dificilmente a Rússia e a China permitiriam que o Conselho de Segurança aprovasse resoluções que, por exemplo, impusessem sanções ao Irã.

Sendo assim, é possível imaginar que a crise acerca do programa nuclear iraniano se estenderá até o momento em que o Irã alcançar grandes benefícios nas negociações com o Ocidente ou até que os Estados Unidos assumam uma postura mais agressiva frente ao país islâmico. Dadas as impossibilidades já mencionadas para uma ofensiva norte-americana, o mais provável é que o Irã continue levando a diante o programa bem como as negociações até alcançar o máximo de vantagens políticas e econômicas possível.

## Bibliografia

Banco de dados do Laboratório de Monitoramento dos Focos de Tensão – UNIBH

**Atkeson**, Edward B., **Bush**, Douglas. *Iran: next in the crosshairs?*. Landpower Essay n.2-4, setembro de 2002

**Beehner**, Lionel. *What sanctions mean for Iran's economy*. Council on Foreign Relations. 2006

**Cain**, Antony C. *Iran's strategic culture and weapons of mass destructions*. Air War College. 2002.

---

resoluções obrigatórias aos Estados. É composto por 5 membros permanentes (com poder de vetar as decisões a serem tomadas) e 10 membros rotativos. Fonte: Carta das Nações Unidas, disponível em <http://www.un.org/aboutun/charter/>, acessado em 25 de outubro de 2006, às 14:35h.

**Clausewitz**, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996

**Davis**, Jimmy D. *Iran's nuclear strategy options and US foreign policy implications*. US Army War College. 2005

**Koechler**, Hans. *Memorandum on the dispute between the Islamic Republic of Iran and the United States of America and other states over the interpretation of the Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear*. International Progress Organization. 2006

**Marquardt**, Eric. *Iran's Race for Nuclear Weapons*. Power and interest news report. 2003

**Perkovich**, George. *Dealing with Iran nuclear challenge*. Carnegie Endowment for International Peace. 2003

**Pollack**, Kenneth, **Takeyh**, Ray. *Taking on Tehran*. Foreign Affairs. Março/Abril de 2005.

**Quillen**, Chris. *Iranian nuclear weapons policy: past, present and possible future*. Middle East Review of International Affairs vol.6, n.2, junho de 2002

**Sahimi**, Mohammad. *Iran's nuclear program. Part 1: It's history*. Payvan Iran's News. 2003

**Schake**, Kori N., **Yaphe**, Judith S. *The strategic implications of a nuclear-armed Iran*. Institute for National Strategic Studies. 2001

[http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/middle\\_east/country\\_profiles/806268.stm](http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/middle_east/country_profiles/806268.stm)

[http://www.nti.org/e\\_research/profiles/Iran/1825\\_4968.html](http://www.nti.org/e_research/profiles/Iran/1825_4968.html)

<http://www.milnet.com/Iranian-Nuclear-Chronology.htm>

<http://www.globalsecurity.org/military/ops/iran-timeline.htm>

<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/ir.html>

<http://diplo.uol.com.br/2005-11,a1195>

<http://www.dw->

[world.de/dw/article/0,2144,1866234,00.html](http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1866234,00.html)

<http://www.camiranbrasil.com.br>

<http://www.if.ufrj.br/teaching/radioatividade/fnebomba.html>

[www.mre.gov.br](http://www.mre.gov.br)

<http://www.un.org/aboutun/charter/>

### **Sugestões de leitura**

- Federation of American Scientists.** *Iran Special Weapons Guide.* 2006.
- Flanagan,** Stephen J. *Strategic Forum: Sustaining U.S.-European Global Security Cooperation.* Institute for National Strategic Studies, 2005.
- International Atomic Energy Agency.** *Implementation of the NPT Safeguards Agreement in the Islamic Republic of Iran.* 2004.
- Litwak,** Robert S. *National Defense University Symposium, Prospects for Security in the Middle East, Panel 3 - Proliferation and Arms Control - Regional Reactions.* Woodrow Wilson International Center for Scholars. 2005
- Palmer,** Mark. *Policy Toward Iran.* FDCH Congressional Testimony
- Shearer,** Samuel R. *U.S. and Russian Cooperation Against Nuclear Proliferation.* Naval Postgraduate School. 2004
- Western,** Charles A. *Abroad, in Search of Monsters to Destroy: The United States and the Future of Preemption.* Army Command General Staff College. 2005.